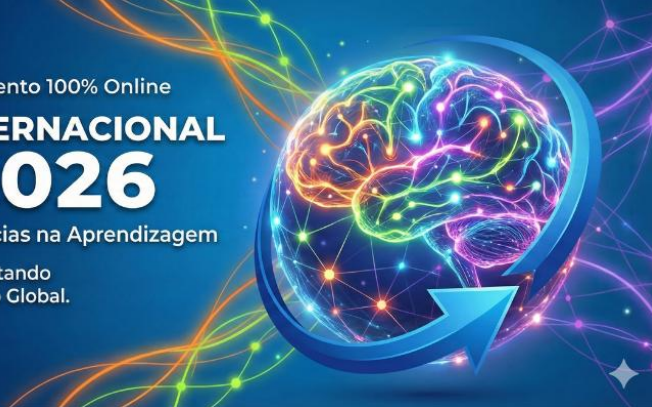


23 a 25 de Março de 2026 | Evento 100% Online

CONGRESSO INTERNACIONAL **IDEA 2026**

Inovação, Diálogo e Experiências na Aprendizagem

Educação e Humanidade: Conectando
Inteligências, Cultura e Propósito Global.



DA ESCRIVIVÊNCIA À TRANSFORMAÇÃO PEDAGÓGICA: LITERATURA ANTIRRACISTA NA FORMAÇÃO DOCENTE EM DEFESA DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Maria Cilene Lucas Vieira;
cilene.educadora@gmail.com;
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.

Modalidade: Artigo

Área Temática: 5. Educação Inclusiva, Equidade e Acessibilidade Digital

Resumo:

Contexto: Este estudo apresenta uma experiência de formação docente desenvolvida em um *workshop* realizado com quatro professoras da rede municipal de Cajamar - SP, no âmbito de uma pesquisa de mestrado em Educação realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no Programa de Formação de Formadores (FORMEP). A pesquisa partiu do problema da insuficiente preparação docente para a promoção de práticas alinhadas aos princípios da educação inclusiva, especialmente no que se refere ao enfrentamento do racismo estrutural e à valorização das identidades historicamente marginalizadas no contexto escolar. O objetivo deste trabalho foi analisar como um processo formativo fundamentado na literatura infantil antirracista pode contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas e antirracistas sejam mais socialmente comprometidas. **Métodos:** A metodologia adotada na pesquisa foi de caráter qualitativo, mais especificamente foram utilizados os preceitos da Pesquisa Crítico Colaborativa (PCCol), organizada na forma de *workshop* estruturado em dois encontros formativos e atividades de implementação em sala de aula. Como dispositivos pedagógicos, foram utilizadas quatro obras literárias infantis de autoria da pesquisadora, voltadas à valorização das identidades negras e indígenas, promovendo experiências estéticas, reflexivas e inclusivas com as professoras e crianças. Os dados foram produzidos por meio de registros reflexivos, narrativas docentes e socialização coletiva das experiências. **Resultados:** Os resultados evidenciaram o estímulo a consciência crítica das professoras, através da implementação de práticas transformadoras comprometidas com a mudança social, fortalecimento de uma pedagogia inclusiva e ampliação da capacidade docente de construir ambientes educacionais que reconheçam e acolham a diversidade racial e cultural. **Conclusão:** Conclui-se que a formação docente ancorada na literatura antirracista aliada à



ação reflexiva crítica, constitui um caminho potente para a consolidação da educação inclusiva; especificamente no âmbito da temática antirracista, contribuindo assim para a construção de práticas educacionais mais equitativas, sensíveis às diferenças e comprometidas com a justiça racial e social.

Palavras-chave:

Educação inclusiva; Educação antirracista; Formação docente; Literatura infantil; Escrivência.

Introdução

A implementação do *workshop* formativo com professoras da rede municipal de Cajamar constitui parte fundamental da etapa metodológica de minha pesquisa de mestrado intitulada “Escrivência, Literatura Infantil e Formação de Formadores: Práticas Transformadoras no Contexto Antirracista” (Vieira, 2025), desenvolvida no Programa de Educação: Formação de Formadores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Neste artigo, apresento a experiência de formação docente realizada com quatro docentes – Tacira, Iara, Francileia e Andrea – tendo como eixo articulador a educação inclusiva em diálogo com a formação antirracista, mediada por obras literárias de minha autoria.

A proposta do *workshop* nasceu da compreensão de que a formação docente precisa ultrapassar modelos prescritivos e assumir caráter dialógico, crítico e situado. Ao longo de minha trajetória profissional, percebi que muitas professoras demonstravam interesse em desenvolver práticas mais inclusivas direcionadas ao combate ao racismo, mas relatavam insegurança diante da ausência de referenciais formativos consistentes e da fragilidade institucional no enfrentamento do racismo estrutural.

Essa compreensão foi aprofundada no âmbito de minha pesquisa de mestrado, na qual investiguei de que modo a escriturização pode constituir-se como prática formativa e epistêmica. Ao dialogar com Evaristo (2011), apropriei-me do conceito de escriturização como fundamento teórico que orienta minha compreensão de que a escrita está longe de ser um exercício neutro, configurando-se, ao contrário, como uma produção situada, atravessada por memórias, territorialidades e processos identitários. Nessa perspectiva, reafirmo que “A escriturização é, antes de tudo, uma inscrição de memórias, dores, afetos e resistências de mulheres negras, faveladas, subalternizadas. É uma escrita que brota do corpo, do vivido e da coletividade” (Vieira, 2025, p. 28), evidenciando seu potencial como gesto de produção de conhecimento e de afirmação de existências historicamente silenciadas.

Afirmo ainda que a produção acadêmica pode tornar-se espaço de justiça epistêmica quando permite que experiências historicamente silenciadas sejam transformadas em conhecimento legítimo (Vieira, 2025, p. 94). Assim, o *workshop* configurou-se como continuidade dessa perspectiva: um espaço em que literatura, experiência docente e reflexão crítica se entrelaçaram.

A formação foi realizada na EMEB Demétrio Rodrigues Pontes e envolveu quatro professoras com trajetórias distintas. Desde o primeiro encontro, ficou evidente que a



discussão com a temática inclusiva em diálogo com o antirracismo necessitou ser ampliada. O debate e as ações sobre a inclusão de sujeitos racializados, de saberes marginalizados e de narrativas historicamente apagadas nas práticas pedagógicas evidenciaram sua urgência. Ao propor essa ampliação conceitual, busquei articular inclusão e antirracismo como dimensões inseparáveis de uma prática pedagógica comprometida com a equidade.

Os livros utilizados no *workshop* – Amora (Vieira, 2017); Brincando com as Sereias Quianda, Quicimbe e Iara no Rio Amazonas (Vieira, 2020); Os Dez Indigenazinhos e seus Brinquedos Criativos (Vieira, 2024) e Sisi e os Símbolos Adinkras (Vieira, 2025) – funcionaram como dispositivos pedagógicos e simbólicos. Por meio deles, abordamos ancestralidade africana, culturas indígenas, mitologias africanas e indígenas, identidade racial e pertencimento. Cada obra foi trabalhada não apenas como material literário, mas como provocação curricular e política.

Durante os encontros, emergiram relatos significativos. A professora Iara relatou que o estudo com a literatura antirracista despertou reflexões nas crianças e que elas “se identificaram com a história e começaram a trazer falas sobre suas próprias famílias” e trouxe também reflexões sobre os silenciamentos presentes em sua própria formação. Francileia destacou que há a necessidade de desenvolver práticas inclusivas voltadas ao enfrentamento do racismo ao longo todo o ano letivo e não somente em datas específicas e que isso a incomoda. Ela reconheceu a potência pedagógica do livro das sereias africanas e indígena e disse que nunca havia trabalhado mitologia africana de forma estruturada. Andrea problematizou a necessidade de integrar permanentemente a literatura antirracista ao planejamento anual da escola e nos lembrou de uma passagem em sua sala de aula: “Eu tinha um aluno de três anos que dizia para o colega negro: ‘Eu não gosto de você, não gosto da sua cor’. Foi assustador.” (Vieira, 2025, p. 169). A professora Tacira apresentou sua consideração sobre a atividade de discussão e práticas pedagógicas desenvolvidas no *workshop* em prol da inclusão da temática antirracista e do combate ao racismo:

Esta atividade pretende mostrar que o fenômeno do preconceito racial está muito mais próximo do cotidiano de nossos educandos. Refletir com os alunos, o fato de vivermos em uma sociedade ainda racista, com preconceitos/discriminações naturalizadas. Por meio dessa mesma atividade, podemos fomentar a discussão acerca da discriminação racial e os povos originários (Vieira, 2025, pp. 146, 147).

Esses episódios evidenciam que a formação produziu deslocamentos subjetivos, reflexivos e práticos. Ao longo dos encontros, as professoras passaram a nomear situações antes naturalizadas como expressões do racismo estrutural. Conforme sustento em minha dissertação, a nomeação é gesto político e epistêmico, pois reorganiza a experiência vivida. A literatura, nesse processo, atuou como mediadora simbólica capaz de provocar identificação, desconforto e transformação (Vieira, 2025, p. 100).

O *workshop* foi estruturado com base na pesquisa crítico-colaborativa, privilegiando rodas de conversa, leituras compartilhadas, planejamento coletivo e devolutivas reflexivas. Cada professora foi convidada a experimentar, em sua própria sala de aula, propostas derivadas das discussões realizadas no grupo de formação. Nos encontros subsequentes, retornamos às experiências vividas, analisando avanços, resistências e desafios.



Ao socializar esta experiência formativa, busco evidenciar que a formação docente, ancorada na escrevivência e na literatura infantil antirracista, pode configurar-se como prática de justiça epistêmica, transformação pedagógica e intervenção curricular comprometida com a inclusão. A vivência desenvolvida neste *workshop* na EMEB Demétrio Rodrigues Pontes demonstra que é possível articular educação inclusiva e formação antirracista de modo integrado, crítico e sensível às experiências concretas das docentes, promovendo práticas socialmente comprometidas e pedagogicamente emancipadoras.

Nos tópicos seguintes, apresento a fundamentação teórica que sustentou a proposta, descrevo a metodologia de implementação do *workshop*, analiso os resultados observados e discuto as implicações formativas e políticas da experiência. Ao final, reafirmo a necessidade de investir em processos formativos antirracistas que reconheçam as professoras como produtoras de conhecimento e agentes de transformação social compondo assim “uma trajetória marcada por escuta, respeito e pertencimento, com o compromisso de transformar a educação [...] em um espaço verdadeiramente inclusivo e antirracista” (Vieira, 2025, p. 117).

Fundamentação Teórica

A experiência formativa desenvolvida no *workshop* fundamentou-se em uma perspectiva crítica que articulou escrevivência, formação de formadores, justiça epistêmica e educação antirracista. Esses referenciais permitiram compreender a formação docente não como processo técnico, mas como prática política inclusiva e antirracista, situada historicamente e atravessada por relações de poder, identidade e produção de conhecimento.

O conceito de escrevivência, elaborado por Evaristo (2011), constituiu um dos principais pilares da pesquisa. A escrevivência rompe com a ideia de neutralidade da escrita acadêmica ao afirmar que toda produção textual é atravessada pela experiência vivida. Ao assumir esse princípio, reconheço que minha trajetória como mulher miscigenada, autora de livros, professora e pesquisadora constitui dimensão fundamental de minha produção teórica e metodológica. Assim, a escrevivência constitui-se como ato de resistência epistêmica, pois permite transformar experiências historicamente silenciadas em conhecimento legítimo e nesse sentido, o *workshop* formativo foi concebido como extensão dessa prática, articulando escrita, experiência e formação docente antirracista.

Freire (1996) contribui de forma decisiva para essa compreensão ao afirmar que a educação é prática de liberdade e não de domesticação, sendo, portanto, fundamento de uma educação inclusiva e socialmente comprometida. Para o autor, a formação docente precisa estar fundamentada na problematização da realidade concreta e na construção coletiva do conhecimento. Ao desenvolver o *workshop*, assumi que as professoras participantes não eram receptoras passivas de conteúdos, mas sujeitas de conhecimento. As rodas de conversa, os relatos de experiência e as práticas desenvolvidas evidenciaram que a formação se constrói na relação dialógica, em que todas aprendem e ensinam simultaneamente.

A reflexão proposta também dialoga com Fanon (2008), cuja análise da colonialidade evidencia os efeitos psicológicos e sociais do racismo. Esse autor demonstra que o racismo não opera apenas no plano estrutural, mas também na constituição subjetiva dos sujeitos. Essa perspectiva foi fundamental para compreender os relatos das professoras, especialmente



quando reconheceram situações de silenciamento e invisibilização racial nas práticas pedagógicas. Ao trabalhar com literaturas que valorizam identidades negras e indígenas, o *workshop* contribuiu para tensionar essas estruturas simbólicas, fortalecendo práticas pedagógicas inclusivas e antirracistas.

hooks (2013) amplia essa discussão ao defender a educação como prática de transgressão. Para a autora, o espaço educativo pode tornar-se lugar de transformação quando rompe com lógicas opressivas e reconhece as experiências dos sujeitos como fontes legítimas de conhecimento. Essa compreensão orientou a escolha de utilizar minhas próprias obras literárias como dispositivos formativos, pois estas obras emergem de experiências situadas no chão da escola e são comprometidas com a justiça racial. Ao reconhecerem-se nas narrativas apresentadas, as professoras passaram a refletir criticamente sobre suas próprias práticas e identidades.

A noção de justiça epistêmica, conforme proposta por Santos (2007), também é central para esta análise. O autor argumenta que o conhecimento científico moderno foi construído a partir da exclusão sistemática de outros saberes, especialmente aqueles produzidos por populações racializadas. Nesse contexto, promover a circulação de narrativas afro-brasileiras e indígenas no espaço escolar constitui ato de reparação epistêmica. O *workshop*, ao inserir essas narrativas na formação docente, contribuiu para ampliar o repertório cultural das participantes e questionar hierarquias epistemológicas naturalizadas, condição essencial para a consolidação de uma educação inclusiva comprometida com a equidade racial.

Bourdieu (2004) oferece instrumentos teóricos para compreender o campo educacional como espaço de disputas simbólicas. O autor demonstra que determinados conhecimentos são legitimados enquanto outros são marginalizados, reproduzindo desigualdades sociais. Ao introduzir literatura afro-brasileira e indígena no processo formativo, o *workshop* atuou no tensionamento dessas estruturas, ampliando as possibilidades de representação e reconhecimento.

A teoria histórico-cultural de Vygotsky (1991) sustenta a compreensão de que o desenvolvimento humano ocorre por meio da mediação simbólica e social. Para o autor, os conceitos reorganizam a experiência e transformam a forma como os sujeitos compreendem a realidade. Esse princípio foi observado quando as professoras passaram a nomear situações de exclusão racial e a desenvolver estratégias pedagógicas mais conscientes e intencionais.

Assim, a articulação entre escrevivência, justiça epistêmica, formação crítica e mediação simbólica sustenta a compreensão de que a formação docente pode constituir-se como espaço de transformação individual e coletiva, fundamentando práticas inclusivas orientadas pelo compromisso antirracista. O *workshop* formativo, ao mobilizar esses referenciais, possibilitou que as participantes revisassem suas práticas, ampliassem sua consciência racial e se reconhecessem como agentes de transformação no contexto educacional.

Metodologia

A implementação do *workshop* constituiu etapa metodológica da pesquisa de meu mestrado (Vieira, 2025), fundamentada na abordagem crítico-colaborativa. Essa perspectiva



compreendeu a formação como processo construído com as participantes, reconhecendo suas experiências como fonte legítima de conhecimento. O *workshop* foi realizado na EMEB Demétrio Rodrigues Pontes, no município de Cajamar, e contou com a participação de quatro professoras: Tacira, Iara, Francileia e Andrea. Os encontros ocorreram presencialmente, em espaço cedido pela escola, em horário previamente acordado com a equipe gestora.

O processo formativo foi estruturado em dois encontros principais, intercalados por um período de implementação das atividades em sala de aula. No primeiro encontro, apresentei às professoras os quatro livros de minha autoria: *Amora* (Vieira, 2017); *Brincando com as Sereias Quianda, Quicimbe e Iara no Rio Amazonas* (Vieira, 2020); *Os Dez Indigenazinhos e seus Brinquedos Criativos* (Vieira, 2024) e *Sisi e os Símbolos Adinkras* (Vieira, 2025). Expliquei os fundamentos pedagógicos de cada obra, destacando suas potencialidades para a abordagem da identidade racial, da ancestralidade africana, das culturas indígenas e da ampliação do repertório simbólico das crianças.

Após a apresentação, propus uma atividade prática em que cada professora deveria produzir uma representação artística inspirada nos livros apresentados. O objetivo dessa proposta foi possibilitar que as docentes vivenciassem o processo criativo antes de aplicá-lo com suas próprias turmas. Durante esse momento, observei envolvimento significativo das participantes. A professora Tacira concentrou-se na representação da personagem homônima *Amora* do livro “*Amora*” com colagem de feijão-preto, papelão e pintura com tinta guache. Já Iara produziu um cartão personalizado com símbolos de “*Sisi e os símbolos Adinkras*” utilizando cartolina e lápis de cor. A professora Francileia destacou uma arte representativa do livro “*Brincando com as sereias Quianda, Quicimbe e Iara no Rio Amazonas*” com a sereia indígena Iara usando lápis de cor e colagens. A professora Andrea moldou as panelinhas de barro que aparecem no livro “*Os dez indigenazinhos e seus brinquedos criativos*” (Vieira, 2025, p. 137, 138).

Ao final do primeiro encontro, as professoras foram convidadas a desenvolver, em suas salas de aula, atividades inspiradas nas obras e na experiência artística vivenciada. Solicitei que registrassem o processo por meio de anotações e fotografias, a fim de possibilitar posterior análise coletiva. Essa etapa constituiu momento central da implementação, pois permitiu que as reflexões formativas se materializassem na prática pedagógica crítica-colaborativa.

O segundo encontro constituiu-se como um espaço de socialização e análise crítica das experiências desenvolvidas com as crianças. A abertura foi marcada pela leitura da poesia antirracista “*Os cabelos cacheados da princesa rainha*”, de minha autoria, integrante do livro *Poetizando a vida* (Vieira, 2022). A escolha desse texto não foi aleatória: ao valorizar a estética negra e afirmar identidades historicamente silenciadas, a poesia reafirma o compromisso de minha produção literária com a construção de uma educação inclusiva e antirracista, além de fortalecer simbolicamente o diálogo entre escrituragem, formação docente e prática pedagógica. Cada professora apresentou seus registros e compartilhou suas percepções sobre o processo. As professoras relataram que as crianças demonstraram grande interesse pelos símbolos Adinkras e passaram a relacioná-los com suas próprias histórias. Destacaram também o entusiasmo da turma ao conhecer as sereias afro-indígenas, observando uma ampliação significativa do repertório simbólico das crianças. Além disso, ressaltaram que



a atividade sobre os brinquedos indígenas provocou questionamentos importantes acerca da diversidade cultural. Por fim, enfatizaram que a experiência contribuiu para o repensar de suas práticas pedagógicas sob uma perspectiva mais inclusiva e antirracista.

As fotografias produzidas durante a implementação do *workshop* registram momentos significativos das práticas desenvolvidas com as turmas do 5º ano, evidenciando os desdobramentos pedagógicos da formação. As figuras a seguir apresentam as produções das crianças. A Figura 1 registra a apresentação realizada pelas crianças a partir da leitura do livro “Sisi e os símbolos Adinkras”, evidenciando processos de apropriação simbólica, construção de sentidos e fortalecimento da reflexão identitária no contexto da proposta pedagógica desenvolvida. A Figura 2 mostra a exposição organizada pela turma com base na obra das sereias afro-indígenas, destacando o envolvimento coletivo e a valorização das narrativas trabalhadas. Já a Figura 3 registra a releitura representativa realizada pelas crianças com o livro “Brincando com as sereias Quianda, Quicimbe e Iara no Rio Amazonas”, evidenciando criatividade, protagonismo e ampliação do repertório cultural no contexto de uma proposta educativa inclusiva e antirracista.



Figura 1: Produção das crianças 5º ano com o livro Sisi.



Figura 2: Exposição das crianças 5º ano com o livro das sereias.

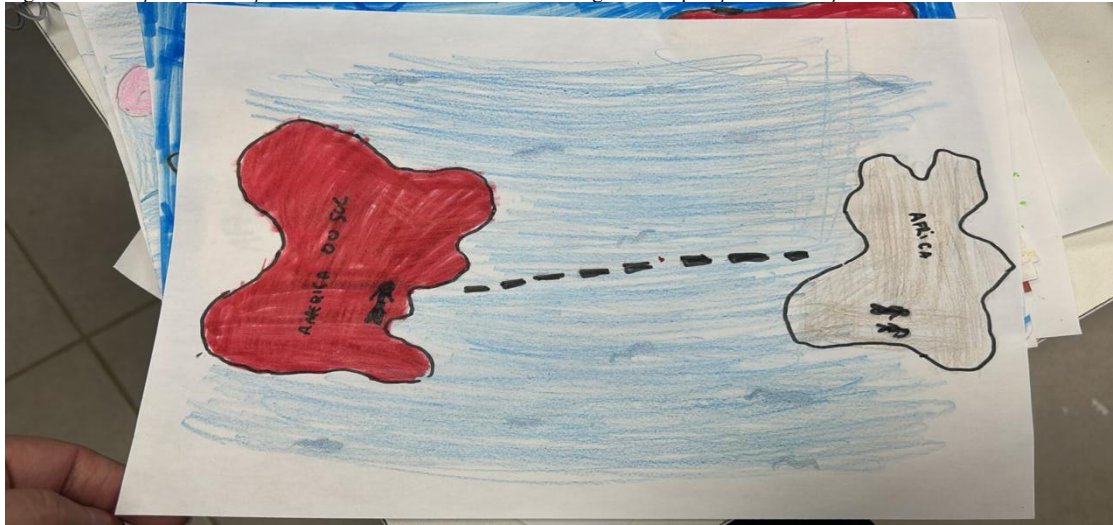


Figura 3: Releitura representativa das crianças do 4º ano com o livro Brincando com as sereias Quianda, Quicimbe e Iara...



A metodologia adotada permitiu articular formação, experiência e reflexão crítica, possibilitando que as professoras se reconhecessem como autoras de práticas pedagógicas comprometidas com a educação inclusiva e antirracista. A análise foi realizada por meio de leitura interpretativa das narrativas e devolutivas docentes.

Aspectos éticos: As professoras participantes e a unidade escolar dessa pesquisa autorizaram formalmente o uso de seus nomes e das imagens produzidas durante o *workshop* para fins acadêmicos e de publicação.

Resultados

O *workshop* trouxe resultados transformadores significativos nas práticas pedagógicas e nas percepções das professoras participantes, especialmente no que se refere à articulação entre educação inclusiva e formação antirracista. A experiência revelou que o uso da literatura infantil como dispositivo formativo contribuiu para ampliar o repertório pedagógico das docentes e possibilitou o desenvolvimento de práticas mais conscientes em relação à representação racial e cultural no espaço escolar.

Um dos primeiros aspectos observados foi o envolvimento das professoras com a proposta formativa desde o primeiro encontro. A produção artística representativa realizada por Tacira, Iara, Francileia e Andrea constituiu momento fundamental de apropriação simbólica das narrativas apresentadas. Ao vivenciarem o processo criativo, as docentes passaram a se reconhecer não apenas como mediadoras, mas como participantes ativas da experiência estética e formativa. Esse envolvimento inicial foi determinante para a implementação das atividades antirracistas em suas respectivas salas de aula.

Tacira relatou que, ao desenvolver a atividade com os símbolos Adinkras, observou grande interesse das crianças, que passaram a atribuir significados próprios em meio ao observado na realidade/sociedade sobre os símbolos apresentados. Segundo seu relato, algumas crianças relacionaram os símbolos a suas histórias familiares e experiências pessoais com o entorno na cidade e fizeram apresentações orais dos conhecimentos adquiridos com os símbolos Adinkras. Esse movimento revelou que a atividade favoreceu processos de identificação e pertencimento, ampliando as possibilidades de expressão das crianças. Tacira também destacou que a experiência a fez perceber a importância de trabalhar referências africanas de forma contínua, e não apenas em momentos pontuais do calendário escolar.

Iara enfatizou que a atividade inspirada nas sereias afro-indígenas despertou curiosidade e entusiasmo nas crianças. Ela relatou que os estudantes demonstraram interesse em conhecer narrativas diferentes daquelas tradicionalmente apresentadas na literatura infantil. A presença de personagens negras e indígenas em contextos de fantasia contribuiu para ampliar o repertório simbólico da turma e possibilitou discussões sobre diversidade e identidade. Iara oportunizou a percepção de que a experiência transformou sua compreensão sobre o potencial da literatura como ferramenta de formação crítica. As crianças realizaram atividades sobre a temática antirracista, inclusive fizeram uma releitura da obra das sereias.

Francileia destacou que trabalhou com mais de um livro com as crianças e que elas gostaram muito da história 'Brincando com as sereias Quianda, Quicimbe e Iara no Rio



Amazonas' a que fizeram diversas atividades representativas, dentre elas as representações das personagens sereias africanas Quianda e Quicimbe e da personagem sereia indígena Iara.

As ações das professoras evidenciam a potência de práticas pedagógicas comprometidas com a valorização das culturas africanas e indígenas, promovendo identificação, pertencimento e ampliação do repertório simbólico das crianças. Ao integrarem a literatura e os símbolos Adinkras de forma significativa e contínua, fortaleceram processos de formação crítica e expressão autoral na infância. Ainda houve a reflexão de que a implementação das atividades contribuíram para repensar o planejamento pedagógico, reconhecendo a necessidade de incluir, de forma sistemática, narrativas que representem diferentes identidades raciais e culturais. Destacaram ainda que a experiência fortaleceu a segurança para abordagem das questões raciais em sala de aula e ampliou a compreensão acerca de uma educação verdadeiramente inclusiva e antirracista, consolidando tais práticas como eixo estruturante do currículo.

Outro resultado relevante foi o impacto das atividades sobre as próprias professoras, que passaram a refletir criticamente sobre suas próprias histórias ancestrais e familiares, práticas e concepções pedagógicas. Durante o segundo encontro, as participantes compartilharam suas experiências e reconheceram que o *workshop* contribuiu para ampliar sua consciência racial e pedagógica. Esse movimento de reflexão coletiva fortaleceu o processo formativo e evidenciou a importância de espaços de formação que valorizem a experiência docente.

Além disso, os registros fotográficos e escritos produzidos pelas professoras evidenciaram o envolvimento das crianças nas atividades. As imagens mostraram estudantes participando ativamente das propostas, produzindo artes representativas e interagindo com as narrativas apresentadas. Esses registros confirmam que a literatura infantil pode constituir-se como ferramenta potente para promover práticas pedagógicas inclusivas e antirracistas.

Os resultados indicam que o *workshop* contribuiu para promover mudanças significativas tanto nas práticas pedagógicas quanto nas percepções das professoras. A experiência demonstrou que a formação quando fundamentada na literatura e na reflexão crítica, pode fortalecer a atuação docente e contribuir para a construção de práticas educacionais mais inclusivas e comprometidas com a justiça racial – currículo antirracista.

Discussão

A experiência formativa realizada neste *workshop* permite compreender que a articulação entre formação docente, educação inclusiva e práticas antirracistas produz deslocamentos significativos tanto no plano pedagógico quanto no plano epistemológico. Ao analisar os resultados à luz dos referenciais teóricos mobilizados, torna-se evidente que o *workshop* não constituiu apenas uma ação formativa pontual, mas um processo de intervenção simbólica no campo educacional.

A escrevivência, conforme discutida em minha dissertação (Vieira, 2025), fundamenta a compreensão de que a produção de conhecimento emerge da experiência situada. Ao assumir minhas obras literárias como dispositivos formativos, reconheci que minha trajetória atravessa a própria tessitura da proposta pedagógica. Essa dimensão não enfraquece o rigor



acadêmico; ao contrário, fortalece-o, pois explicita o lugar de enunciação e rompe com a alegada neutralidade do discurso científico. É nessa direção que sustento que a experiência escrevivenciada, quando elaborada criticamente, constitui fundamento epistemológico e não mero recurso ilustrativo. Conforme apresento: “[...] uma vez que ambos evidenciam como memórias pessoais e coletivas, quando transformadas em narrativas – seja pela oralidade, pela escrita ou pela literatura –, constituem-se em espaços de formação, resistência e afirmação identitária.” (Vieira, 2025, p. 110).

O *workshop*, nesse sentido, materializa tal perspectiva ao promover o entrelaçamento entre literatura, memória e prática docente comprometida, configurando-se como espaço em que narrativas individuais e coletivas se convertem em ferramentas de reflexão crítica, fortalecimento identitário e transformação pedagógica.

A reação das professoras diante das atividades revela o que Vygotsky (1991) denomina reorganização da experiência por meio da mediação simbólica. Quando a professora Tacira relata que as crianças passaram a atribuir significados próprios diante das suas realidades aos símbolos Adinkras, observa-se o processo de internalização e ressignificação cultural. O conceito deixa de ser informação externa e passa a operar como ferramenta psicológica que amplia a consciência. Do mesmo modo, quando Iara reconhece que sua própria formação inicial não contemplou referências africanas, evidencia-se um movimento de tomada de consciência crítica.

Freire (1996) sustenta que a formação docente precisa partir da realidade concreta e promover a problematização das condições históricas que estruturam a prática educativa. O *workshop*, ao promover rodas de conversa e análise coletiva das experiências, constituiu espaço de diálogo horizontal. As professoras não receberam conteúdos prontos; elas produziram sentidos a partir de suas vivências. Esse movimento dialógico contribuiu para fortalecer a autonomia pedagógica das participantes e ampliar sua capacidade de intervenção.

A discussão também pode ser aprofundada à luz de Fanon (2008), que analisa os efeitos subjetivos da colonialidade. A ausência de representações positivas de sujeitos negros e indígenas na literatura infantil produz impactos na constituição da identidade das crianças. Ao inserir narrativas que valorizam ancestralidades africanas e indígenas, o *workshop* tensionou essas estruturas coloniais e amplia as possibilidades de identificação. As experiências relatadas pelas professoras, ao desconstruírem estereótipos sobre povos africanos e indígenas, evidenciam esse deslocamento simbólico.

hooks (2013) defende que a educação pode tornar-se prática de transgressão quando desafia estruturas opressivas e reconhece a experiência como fonte legítima de conhecimento. No *workshop*, as professoras transgrediram a lógica curricular restrita a datas comemorativas e passaram a incorporar referências afro-brasileiras e indígenas de forma contínua. Esse movimento indica que a formação produziu impacto não apenas no discurso, mas na organização concreta do planejamento pedagógico.

A noção de justiça epistêmica, conforme proposta por Santos (2007) permite compreender o alcance político da experiência. Ao promover a circulação de narrativas historicamente marginalizadas, o *workshop* atua no enfrentamento das hierarquias epistemológicas que estruturam o currículo escolar. A literatura infantil, nesse contexto, não é apenas recurso didático, mas instrumento de reparação simbólica. Ao reconhecerem a



potência dessas narrativas, as professoras passaram a questionar a predominância de referências eurocentradas no acervo escolar.

Bourdieu (2004) contribui para compreender que o campo educacional é atravessado por disputas simbólicas. Determinados conhecimentos são legitimados enquanto outros permanecem invisibilizados. A inserção sistemática de literatura afro-brasileira e indígena no planejamento docente tensiona essas estruturas e amplia as possibilidades de reconhecimento cultural. A narrativa da professora Andrea considerando a necessidade de reorganização do planejamento anual em prol de uma educação inclusiva antirracista demonstra que o *workshop* produziu efeitos no habitus pedagógico das participantes.

Outro aspecto relevante da discussão refere-se à ampliação do conceito de educação inclusiva. Nesse sentido, ao articular inclusão e raça, o *workshop* rompe com a compreensão restrita da inclusão como atendimento à deficiência. A inclusão passa a ser entendida como compromisso com a representatividade e com o enfrentamento das desigualdades raciais. Esse deslocamento conceitual evidencia que a formação de formadores precisa considerar as múltiplas dimensões da exclusão. Ao ampliar o conceito de educação inclusiva para além da perspectiva da deficiência, torna-se necessário problematizar também os mecanismos curriculares que produzem exclusão simbólica. Como discuto em outro momento de minha produção teórica,

A colonialidade do saber manifesta-se no currículo oficial através da eleição de um cânone de conhecimento que exclui as epistemologias afro-diaspóricas e indígenas. A história, a ciência, a filosofia e a literatura ensinadas na escola, pautadas na BNCC, são predominantemente ocidentais, brancas e masculinas. Essa exclusão perpetua o epistemicídio [...], negando ao sujeito [...] o acesso aos saberes de suas próprias ancestralidades [...] (Vieira, 2025, p. 104).

Tal exclusão não é neutra: ela reafirma processos históricos de epistemicídio e mantém a escola como espaço de validação de saberes eurocentrados, invisibilizando experiências e ancestralidades negras e indígenas. Nesse sentido, a formação docente proposta no *workshop* buscou tensionar essa lógica, promovendo a inserção de narrativas literárias que ampliam o repertório simbólico das crianças e contribuem para uma educação inclusiva comprometida com a justiça racial.

A análise coletiva realizada no segundo encontro foi fundamental para consolidar os aprendizados. O compartilhamento de registros escritos e fotográficos permitiu que as professoras reconhecessem avanços e desafios, fortalecendo o caráter reflexivo da formação. Esse movimento confirma que a formação docente, quando fundamentada em diálogo e experiência, pode produzir transformações duradouras.

Como desdobramento do objetivo proposto – compreender e evidenciar o potencial formativo da literatura infantil antirracista na formação docente –, o *workshop* configurou-se não apenas como atividade pedagógica, mas como espaço de produção de consciência crítica e deslocamento epistemológico. Ao entrelaçar literatura, memória e prática, a experiência permitiu que as professoras reconhecessem o lugar de enunciação que atravessa suas ações educativas e assumissem, de forma intencional, a responsabilidade de construir currículos comprometidos com a equidade racial. Assim, a discussão realizada não se encerra na



descrição de uma prática significativa, mas reafirma a literatura como ferramenta de formação política, estética e ética, capaz de tensionar a alegada neutralidade do discurso pedagógico e de consolidar uma educação inclusiva em prol de uma prática efetivamente antirracista no cotidiano escolar.

Essa experiência evidencia que a formação docente precisa assumir explicitamente o enfrentamento das desigualdades raciais como dimensão constitutiva da educação inclusiva.

Considerações finais

A implementação do *workshop* formativo com as professoras da EMEB Demétrio Rodrigues Pontes evidenciou a potência da formação docente fundamentada na articulação indissociável entre educação inclusiva e práticas antirracistas. Ao longo do processo, tornou-se possível observar que a literatura infantil, quando mobilizada de forma crítica, intencional e situada, constitui-se como instrumento pedagógico capaz de produzir deslocamentos significativos nas práticas docentes e na forma como as professoras compreendem seu papel na construção de uma educação comprometida com a equidade racial e a justiça social.

A experiência demonstrou que a formação docente não pode ser reduzida à transmissão de conteúdos ou ao cumprimento de normativas institucionais. Ao contrário, ela precisa ser compreendida como processo contínuo, dialógico e atravessado pelas experiências, identidades e trajetórias dos participantes. No *workshop*, as professoras não ocuparam o lugar de receptoras passivas, mas atuaram como sujeitas de conhecimento, compartilhando inquietações, reconhecendo lacunas em sua formação inicial e construindo coletivamente novas possibilidades de ação pedagógica.

A utilização das obras literárias como dispositivos formativos revelou-se estratégia consistente para promover processos de identificação, pertencimento e ampliação do repertório simbólico das crianças. Ao vivenciarem a experiência estética e aplicarem as atividades em suas turmas, as professoras reconheceram, de maneira concreta, o potencial da literatura como ferramenta de mediação pedagógica antirracista. Esse movimento contribuiu para que elas compreendessem a inserção de narrativas afro-brasileiras e indígenas não como ação pontual vinculada a datas comemorativas, mas como dimensão estruturante do currículo.

Outro aspecto relevante refere-se à reorganização das práticas pedagógicas. Os relatos socializados no segundo encontro evidenciaram que as professoras passaram a incorporar, de forma mais sistemática, referências relacionadas à diversidade racial e cultural em seus planejamentos. Esse dado indica que a formação ultrapassou o plano reflexivo e produziu efeitos concretos no cotidiano escolar, tensionando a predominância de referenciais eurocentrados e ampliando as possibilidades de representação no espaço educativo.

A experiência com o *workshop* também reafirma a relevância da pesquisa crítico-colaborativa (PCCol) como abordagem metodológica formativa. Ao envolver as participantes na construção coletiva do conhecimento, o processo fortaleceu o caráter emancipatório da formação e consolidou o entendimento de que a prática investigativa pode constituir-se como espaço de transformação profissional e política.

Destaca-se ainda que o *workshop* contribuiu para ampliar a compreensão das docentes sobre o conceito de educação inclusiva. Ao articular inclusão e antirracismo, evidenciou-se



que a inclusão não se limita ao atendimento de estudantes com deficiência, mas envolve o reconhecimento, a valorização e a representatividade das identidades raciais e culturais historicamente marginalizadas. Tal deslocamento conceitual é fundamental para a consolidação de práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social.

Conclui-se, portanto, que a formação docente, quando fundamentada na literatura infantil antirracista e na reflexão crítica sobre o currículo, constitui caminho promissor para a construção de uma educação inclusiva em prol de práticas efetivamente antirracistas. A experiência desenvolvida neste *workshop* reafirma o compromisso com “uma trajetória marcada por escuta, respeito e pertencimento, com o compromisso de transformar a educação [...] em um espaço verdadeiramente inclusivo e antirracista” (Vieira, 2025, p. 117). Assim, investir na formação de formadores revela-se estratégia essencial para fortalecer a autonomia docente, ampliar a consciência racial e transformar o cotidiano escolar em espaço de pertencimento, diversidade, equidade e responsabilidade social inclusiva compartilhada.

Referências

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

EVARISTO, C. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Novos Estudos**, Coimbra, n. 79, pp. 71-94, 2007. Disponível em <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrge/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 20 jan. 2026.

VIEIRA, M. C. L. **Amora**. Cajamar: Editorarte, 2017.

VIEIRA, M. C. L. **Brincando com as Sereias Quianda, Quicimbe e Iara no Rio Amazonas**. Cajamar: Editorarte, 2020.

VIEIRA, M. C. L.; LIBERALI, F. C. Currículo, cor e colonialidade: a BNCC sob o olhar da miscigenância. **fólio - revista de letras**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 92–120, 2025. DOI: 10.22481/folio.v16i2.18359. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/folio/article/view/18359>. Acesso em: 21 fev. 2026.



VIEIRA, M. C. L. **Escrevivência, literatura infantil e formação de formadores: práticas transformadoras no contexto antirracista.** 2025. Dissertação (Mestrado em Educação: Formação de Formadores) - Programa de Pós-Graduação em Educação: Formação de Formadores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/46564> Acesso em: 11 fev. 2026.

VIEIRA, M. C. L. **Os dez indigenazinhos e seus brinquedos criativos.** Cajamar: Editorarte, 2024.

VIEIRA, M. C. L. **Poetizando a vida: meu primeiro livro de poesias.** Cajamar: Editorarte, 2022.

VIEIRA, M. C. L. **Sisi e os símbolos Adinkras.** Cajamar: Editorarte, 2025.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.